

O brasileiro em Macau

*Raimundo Enedino dos Santos**

Este texto apresenta uma discussão sobre a realidade em que se encontra o processo de aproximação entre a China e o Brasil, no tocante à divulgação e à aceitação da variante portuguesa falada na América. Traz um apanhado de informações sobre o assunto sem se deter em termos técnicos, nem apresentar exemplos de estruturas da língua. Almeja atingir o público que se encontra fora da área da linguística, mas que deseja compreender um pouco de como a língua é vista do ponto de vista acadêmico intramuros.

À primeira vista, as relações entre os brasileiros e a China parecem resumir-se a meros interesses econômicos. Claro que eles existem, mas também, a reboque dos negócios, são possíveis contatos em outros níveis, tais como na área da cultura, do turismo, da ciência, dos avanços tecnológicos, entre outros.

As duas nações ainda não se conhecem muito bem. Como no caso do esquema de concessão de vistos. Devido ao sistema de administração adotado pelos chineses, Hong Kong e Macau são duas cidades que ainda podem enviar os seus cidadãos ao Brasil sem a necessidade de solicitação de visto de turismo. Isso é algo que, no geral, as pessoas por aqui não sabem, mas não são diferentes dos brasileiros que querem vir visitar estas partes do mundo. Principalmente, porque o esquema de um país com dois sistemas administrativos é muito difícil de compreender. Por outro lado, tal estrutura administrativa exige que os brasileiros passem pela solicitação antecipada de vistos, se quiserem visitar a China.

Além das óbvias distâncias geográficas, as diferenças culturais fazem com que os brasileiros tenham uma postura de manterem-se afastados do extremo oriente, direcionando a sua atenção para a América do Norte e a Europa, com que mantêm similaridades culturais¹. Entretanto, é possível perceber que as políticas brasileiras para a China incluíram embaixadas

* Doutor em Linguística Histórica pela Universidade Federal da Bahia. Assistant professor no Departamento de Português da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Macau.

¹ Com exceção dos trabalhadores no Japão cuja maioria é formada por nipo-brasileiros.

e consulados na região. Note-se que o atual consulado geral para Hong Kong e Macau há pouco tempo tinha o *status* de embaixada. Isso se deveu muito ao esplendor econômico da cidade vizinha que atraiu muitos brasileiros para lá. Faltou ao Brasil, no entanto, um sentido voltado para a importância de Macau, ao longo do tempo, como elo entre ele e a China. Talvez isso tenha ocorrido pela quase total ausência de brasileiros, na cidade — fato relacionado a seu desenvolvimento econômico desfavorável no período em que o Brasil tornou-se independente — ou ainda pela curteza de visão no que se refere às buscas alternativas de parceiros comerciais.

A atual postura do país foi alterada, percebe-se que o Brasil vem reunindo uma grande parte de suas transações com a China através de Macau, que atualmente possui o *status* de *plataforma para a cooperação econômica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa*. Isso significa dizer que esta cidade passou a ocupar uma posição privilegiada nessa relação que antes não se cogitava. Então, é possível dizer que os interesses econômicos entre as duas nações é o motor que traz em seu bojo o motivo maior em suas parcerias, mas isso nem de longe aparta interesses de outras tendências. Em 2009, a China sagrou-se o melhor parceiro comercial do Brasil. Essa relação tende a ficar mais estreita, uma vez que o Brasil busca diversificar os seus parceiros, na tentativa de sobreviver ao mercado mundial e incrementar a sua estatura econômica, algo que pode ser dito como de interesse mútuo por parte da China.

Foi justamente uma dessas interfaces de interesses econômicos que fez com que algumas centenas de trabalhadores brasileiros da indústria calçadista tenham vindo aportar na região de concentração industrial do sudeste chinês, fugindo da falência das fábricas de calçados do Brasil, na década de 1990, em consequência da concorrência mercadológica entre os dois países, no mundo globalizado.

Também houve uma leva de pilotos brasileiros para a China. Macau, inclusive, recebeu certa fração desses profissionais, radicalmente menor do que o resto do país, é claro (tem-se de levar em consideração o tamanho do mercado para esta profissão), resultado de reviravoltas no setor aéreo, no Brasil. Esses brasileiros tornaram o Brasil mais próximo da China, muitos deles acreditam que não mais voltarão a viver no Brasil².

² Há também aqueles que não têm segurança em se estabelecer na cidade, devido ao sistema de contratos temporários, pois acreditam na possibilidade de um revés da economia enviá-los para outros ares.

Outrossim, vários outros profissionais, certamente em menor escala, têm vivido a aventura de trabalhar neste país, nas últimas duas décadas.

Todavia, esses reveses econômicos não permitiram que o espaço aberto a brasileiros na China apresente um choque cultural igualmente distribuído pelo país. No caso de Macau, diferentemente do que um brasileiro pode imaginar, estando no Brasil, a língua portuguesa, ao lado da língua nacional chinesa, tem apenas o privilégio de ser oficial, pois não é amplamente utilizada como o mandarim. Há placas em português por todos os lados na cidade — algumas têm uma sonoridade poética —, cuja leitura não pode ser feita pela maioria dos moradores, por ignorarem a língua. Na verdade, a língua portuguesa é uma das línguas menos utilizadas na região, pois o idioma mais falado na cidade é o cantonês, que é a língua materna da maior parte da população; seguido do mandarim, em função de ser língua oficial e da imigração oriunda da China continental.

Os estrangeiros, porém, podem sobreviver com a língua inglesa. Indiscutivelmente um idioma de envergadura internacional, que encontrou na atmosfera macaense um ar de urbanidade mundial. O uso desse idioma não pode ter comparação com o que acontece na cidade de Hong Kong, por isso é preciso respeitar os processos históricos que levaram a sua adoção lá e cá. Por falta de dados estatísticos seguros, não é possível dizer que posição o português ocupa como língua de comunicação, uma vez que os dados oficiais apontam um número mais elevado de pessoas com nacionalidade portuguesa do que filipina. É de amplo conhecimento, todavia, que um número grande de chineses é portador de cidadania portuguesa, apesar de não dominar a língua. É um dado questionável uma quarta colocação para o português, já que o uso de tagalog pelos filipinos salta aos olhos de quem anda pelas ruas de Macau. Como os filipinos, no geral, falam inglês, aumentando então a estatística dessa língua, o tagalog certamente ocuparia uma quarta posição no rol das línguas mais faladas em Macau.

Assim, o português teria uma posição privilegiada de língua oficial, no entanto, o número de pessoas que fala a língua é muito pequeno em relação ao total da população. Macau não foi uma colônia tradicional. Houve aqui um tipo de ocupação autorizada pelo Governo Central durante muitos anos, que alguns nomeiam de concessão. Seguiu, prontamente, o modelo de contato linguístico estabelecido na maioria das

colônias (excetuando Brasil e Angola, por exemplo) com a adoção de um idioma crioulo, conhecido aqui como *patois* ou maquista. Esses falantes compõem uma nesga da população que foi composta pelos descendentes mestiços dos portugueses com o povo malaio, o chinês, entre outros povos do oriente. Essa porção da população geralmente aprendeu a falar português na escola, com a finalidade de ocupar os postos de trabalho disponíveis para falantes de português, o que quer dizer que nem todos tiveram a mesma oportunidade.

Assim, os falantes da língua portuguesa no território são os descendentes mestiços de português, os portugueses, seus descendentes não-mestiçados, africanos e indianos. Os dois últimos têm, geralmente, cidadania portuguesa que lhes foi garantida ao deixarem as ex-colônias, em razão de suas independências. Todos esses falantes da língua, além de terem as benesses diplomáticas, possuem o privilégio do modelo linguístico da variante europeia da língua, que foi adotada no território.

Diante dessa realidade, os poucos brasileiros, que residem na cidade, destoam, como usuários da variante brasileira do idioma, daquilo que já foi estabelecido pelos europeus no território. Diferentemente das outras possessões portuguesas, que mantiveram uma dependência direta dos modelos de língua praticados na Europa, o Brasil desenvolveu uma variante da língua com características que lhe são próprias. Essas peculiaridades foram se estabelecendo ao longo de sua história e já no século XVIII³ apresentava características diferenciadas da variante europeia⁴. Além disso, expandiu essa variante para o território angolano, desde a sua formação, mantendo ali a sua colonização até o século XIX. A suspensão do controle sobre Angola só ocorreu porque o Brasil conquistou a sua independência. Assim, Angola voltou-se para a variante falada na metrópole, como as

³ Cf. Stephen PARKINSON. 1987. Portuguese. In: Comrie, Bernard (Ed.). *The major languages of Western Europe*. London : Routledge, p. 250-68.

⁴ Os conceitos relacionados a variação e mudança são emprestados à sociolinguística variaçãoista, a qual é um constructo teórico de William Labov (cf. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo : Parábola, 2008 [1972].), proveniente de estudos empíricos realizados nos anos de 1950. Segundo tal perspectiva, a língua apresenta variações estruturais das mais diferentes naturezas, seguindo o que acontece com o nivelamento dos padrões sociais. Em outras palavras, além do estilo, existem delineamentos na língua que identificam os mais variados níveis sociais, assim como é possível detectar a distinção no espaço e no tempo em que se faz uso de determinado idioma.

demais colônias⁵, enquanto o Brasil continuou a ser um ambiente fora do circuito da influência portuguesa.

Reside aí um problema ideológico que diz respeito ao como a variante brasileira é vista em relação ao modelo de Portugal. Geralmente, o poder colonizador europeu e, mais tarde, os representantes da elite brasileira impuseram um valor de verdade sobre a qualidade do português brasileiro, segundo o qual, o brasileiro não sabe falar bem português, tal atitude é difícil de ser contornada. Indubitavelmente há diferenças entre as vertentes do português, mas não se podem mensurar em termos qualitativos tais dissonâncias.



Fonte: Raimundo Enedino dos Santos.

⁵ É preciso que se desenvolva a habilidade de perceber um uso inadequado da norma lingüística, tanto na fala quanto na escrita, do uso adotado por uma comunidade de fala qualquer. Com muita facilidade, observam-se em Macau os desvios na escrita da língua por imperícia no domínio do português. Um exemplo disso é a informação que se encontra nos elevadores do Hospital Kiang Wu, em que se lê uma palavra que não existe na língua, trata-se de “inoenoia”. Entretanto, em função do contexto em que se encontra, o usuário da língua pode adivinhar que o item em questão é “incêndio”. Outro dado provém da própria Universidade de Macau: entre a biblioteca e o edifício East Asia, é possível ler o item “pessoes”, quando o contexto clama pelo vocábulo existente na língua “pessoas”. Por outro lado, há casos que são, com limpidez cristalina, resultado de domínio de nível lingüístico da oralidade emprestado à forma escrita, o qual passa a ser aceito pela comunidade. Neste caso, a palavra “beneficência” que remonta a uma tradição de uso desde o latim sofre um processo denominado de *etimologia popular* e passa a ser escrita como “beneficiencia”, sob a intenção de filiar-se ao étimo de “benefício” (veja-se a foto nesta nota). Essa infração da tradição da norma escrita passa despercebida por inúmeros usuários europeus em Macau. Algo que se estende ao público universitário, já que uma colega (por se tratar de afirmação não documentada, não será citada a fonte) tem plena convicção de que essa forma escrita faz parte da comunicação social em Portugal. Como se vê, o dado empírico registrado demonstra que tal variação foi transportada da Europa para Macau, através de um sistema em que as duas formas da palavra escrita *in loco* eram concorrentes na origem, mas deixa de causar espanto na China.

Cabe aos linguistas combater tal absurdo. No caso de Macau, versar sobre o tema beira a área da diplomacia. Faz-se, agora, uma pequena digressão sobre o contato com os estudantes na academia, para que se tenha uma ideia de como anda o tema da discriminação linguística⁶. A nossa experiência com estudantes estrangeiros da língua, no ambiente universitário, iniciou-se na segunda metade dos anos 90, na Universidade Federal da Bahia⁷. Desde então foi possível verificar a quantidade de estrangeiros que optam por ir ao Brasil aprender a língua, incluindo os espanhóis, sem questionar a validade da internacionalidade do português brasileiro.

Quando passamos a trabalhar com estudantes nativos no curso de letras vernáculas, na Universidade do Estado da Bahia, no começo desta década, percebemos que eles eram possuidores de um amálgama de ideias preconcebidas que fornecia uma visão negativa ao estudante a respeito da atitude do falante em relação ao modelo de língua falada pelos próprios brasileiros.

Esse sentimento negativo é algo resultante do processo de colonização que diminui qualitativamente as habilidades e potenciais do outro, para que se justifique o esquema de exploração que se estabelece no ambiente de colônia. No caso do Brasil, a reversão dessa situação vem sendo feita ao longo do aprendizado escolar, através da divulgação dos resultados das pesquisas na área da linguística, nas últimas décadas⁸. Contudo, o estudante chega aos cursos de letras ainda com resquícios do discurso ideológico vigente. O nosso trabalho inicial com esses estudantes primava pela desconstrução da imagem negativa que tinham da língua que falam.

⁶ Para aqueles que desejam compreender um pouco mais sobre o tema de discriminação da linguagem no ambiente social, recomenda-se a leitura do livro de Marcos Bagno, *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

⁷ A Universidade Federal da Bahia é uma das mais atuantes instituições públicas brasileiras no ensino de português para estrangeiros (<http://www.lettras.ufba.br/>). Pelo fato de contar com profissionais altamente capacitados e estar localizada em uma região privilegiada do país em termos climáticos, a procura pelos seus cursos apresenta um diferencial ímpar no mundo. Maiores detalhes sobre o curso de português para estrangeiros podem ser obtidos através da página do PROPEEP no Instituto de Letras: <http://programalingua-portuguesa.blogspot.com/>

⁸ Recomenda-se a leitura do livro de Calvet (Louis-Jean Calvet. *Sociolinguística*: uma introdução crítica. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo : Parábola, 2002 (1993). [Na ponta da língua; 4]) para o leitor que queira ter os primeiros contatos com a sociolinguística.

O nível de estigmatização da língua amalgamado na cultura brasileira, do qual os falantes brasileiros são portadores, tem sofrido fortes abalos com a educação atual. Assim, a resistência em admitir que são usuários plenos de sua língua materna vem se arrefecendo.

Mesmo porque, na quase maioria dos casos, os brasileiros são monolíngues. O Brasil é o único país no mundo onde quase a totalidade da população fala apenas português. É possível viajar por semanas no seu território sem necessidade de utilização de outra língua. E, mesmo que ultrapasse as fronteiras, há ainda a possibilidade de comunicação com os falantes do castelhano, por serem línguas intercompreensíveis. Diante dessa realidade não existe uma política de estímulos para aquisição de uma outra língua, nem a população se apercebia de tal necessidade. Algo que vem mudando com as novas necessidades do mercado mundial.

Se esse é um dado de realidade no Brasil, que, na prática, começou a efetivar seu processo de independência de Portugal a partir da mudança do centro do poder português para a cidade do Rio de Janeiro, no começo do século XIX, certamente nas outras ex-colônias, devido às idades recentes de suas independências, a visão a respeito do parâmetro ideal da língua fatalmente refletirá o modelo europeu em detrimento do brasileiro ou de um modelo autóctone.

Os estudantes de português na Universidade de Macau, onde atuamos no momento, desconfiam da utilidade do professor brasileiro e alegam que o mercado de trabalho exige pessoas proficientes na variante do português europeu. Isso se aplica principalmente aos estudantes de direito, que afirmam precisar da língua apenas para a sua área de atuação, a qual, necessariamente, diz respeito ao modelo português, em consequência da preservação do sistema jurídico na cidade. Por outro lado, ainda generalizando, aqueles que estudam a língua em outras universidades do país ou os que vieram fazer o curso de português por aqui são indiferentes à variante que se lhes apresenta.

Percebe-se no cotidiano que o preconceito linguístico contra a variante brasileira é violentamente mais forte em Macau do que a que existe entre os nativos brasileiros. Pois, de um lado, os habitantes da cidade que se interessam pela língua ainda respiram o saudosismo da convivência com a sua ex-metrópole, já que de fato existe uma ligação afetiva com o país que a muitos concedeu a cidadania; do contrário, o brasileiro tende a reconhecer o patrimônio que foi tomando os seus contornos em

razão de sua história. No geral, as pessoas são impulsionadas por um viés emotivo que não justifica a imagem que formam sobre as duas principais variantes do português.

A partir do que se sabe a respeito de modelos idealizados pelo falante, pode-se afirmar que aquilo que goza de alto prestígio em seu ideário não é dialeto de nenhum falante, pertence apenas ao mundo das ideias, como haveria de ser. O desempenho linguístico de falantes da língua, mesmo que obtentores de diplomas universitários, denuncia as não-observâncias das regras prescritivas adquiridas ao longo dos anos nos bancos escolares. Isso se dá simplesmente pelo fato de que as normas formais adquiridas dizem respeito ao texto escrito. Muitas vezes, a escola retira a sua atenção até mesmo do ato de escrever; do ensino de como um bom texto deve ser produzido para o uso cotidiano ou técnico/científico. Esse basicamente seria o papel da escola no ensino de língua materna, o qual vem privilegiando a forma escrita do idioma. Nenhum falante, entretanto, usa a língua na oralidade como a escreve, pois a oralidade tem as suas regras próprias que convergem em alguns pontos e divergem em outros da modalidade escrita, tida como o ápice do privilégio linguístico. E o aprendizado da língua oral é feito ao longo da vida, sem que o falante nativo tenha consciência das normas internas ou externas.

É justamente na modalidade oral que reside a essência de uma língua. Tanto que em muitas partes do mundo vários idiomas não possuem uma forma escrita, assim como tantos outros passaram pela existência sem deixar testemunho escrito. Portanto, a escrita é a representação ideal de uma língua e não espelha a totalidade dos usos que se estabelecem na oralidade.

No caso do português, nos últimos quinhentos anos, todas as variantes orais sofreram alterações, pois as mudanças linguísticas são ocasionadas pelos falantes, na aquisição da língua a cada geração. Apesar de operar muito lentamente, a mudança linguística⁹ também ocorreu na escrita, e o distanciamento entre Brasil e Portugal trouxe divergências nas normas pa-

⁹ Nesta década foi traduzido para o português um clássico sobre mudança linguística que aborda especificamente o assunto. O texto original foi escrito por investigadores norteamericanos Uriel Weirich, William Labov, e Marvin Herzog, nos anos 1960. Eis os detalhes para quem pretende iniciar um estudo com seriedade: *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo : Parábola, 2006 (1968).

drões escritas dos dois países¹⁰. Contudo, as inovações na escrita — tanto no Brasil quanto em Portugal — não inviabilizam a compreensão de um texto escrito pelos falantes da língua, em qualquer das duas margens do Atlântico, no lado oposto à origem do escrito.

Essa é uma visão que deve ser ampliada, todavia há alguns obstáculos de ordem política que impedem que se estorvam os trabalhos dos profissionais da área. Faz parte do papel do linguista a divulgação de descobertas linguísticas para o público não especializado. Entretanto, esse tipo de atividade não se soma ao trabalho do pesquisador/educador, o qual se limita a cumprir as suas funções acadêmicas. Além do mais, a publicação em veículos não especializados implica em não-contagem de pontos por parte das avaliações acadêmicas. Isso, porém, deve ser superado, pois é necessário combater os preconceitos fossilizados que são renovados a cada vez que o indivíduo deixa os bancos escolares. O linguista tem obrigação em dissipar rumores a respeito da língua que não passam de posições ideológicas. Esse é um ponto nevrálgico que precisa ser desanuviado no que diz respeito à língua portuguesa.

Portanto, é preciso afirmar que a língua falada nos países de expressão portuguesa é a mesma. Dizer que a variante brasileira não é uma forma independente da língua não é apenas fruto de pesquisas recentes. Adolfo Coelho¹¹, um estudioso português renomado, na segunda metade do século XIX já dizia que nenhuma das duas principais variantes da língua preservara as características originais, pois as duas sofreram com as vicissitudes que seriam naturais às línguas faladas, mas cada uma a seu modo¹².

¹⁰ Uma leitura indispensável para quem quiser aprofundar-se no tema de variação da língua em relação ao tempo é o livro de Coseriu (*Sincronia, Diacronia e História*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979), no qual o renomado linguista discute delongadamente sobre um determinado corte no tempo, denominado de sincronia, que somado a tantas outras fatias de mesma natureza ao longo do tempo perfaz o que se conhece por diacronia.

¹¹ F. Adolpho COELHO. 1882. Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America. Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, serie 3, n. 8. Lisboa : Imprensa Nacional, p. 451-78. Citado: http://purl.pt/24/3/pp-28-3-v/pp-28-3-v_item3/pp-28-3-v_PDF/pp-28-3-v_PDF_08-G-R0072/pp-28-3-v_0000_449-478_t08-G-R0072.pdf, 25 nov. 2009.

¹² Em relação à conservação de formas tradicionais ou de superação por formas concorrentes, seria interessante recorrer ao texto de Celso Cunha, *Conservação e inovação do português do Brasil (O eixo e a roda*. Belo Horizonte, 1986).

O Brasil mantém várias características arcaizantes da língua, mas também proporcionou várias alterações à língua, devido ao fato de ter tido o privilégio de reunir pessoas de todas as partes do mundo em seu território que passaram a falar português. Muitos descendentes de povos indígenas, africanos, europeus e asiáticos, no Brasil, já não se lembram das línguas dos seus ancestrais¹³.

A substituição das línguas originais dessas populações em favor do português fez com que esta se tornasse a língua materna de mais de 99% da população do Brasil. Mesmo os nipo-brasileiros cujos ascendentes chegaram ao país há apenas um século tiveram dificuldades de adaptação ao Japão, nas constantes migrações que iniciaram a partir dos anos 80. E um dos fatores foi o fraco domínio da língua japonesa pelos jovens que estavam à busca de oportunidades de empregos no extremo oriente. Para se ter uma ideia de como essa parte da população se identifica com a língua portuguesa, basta dizer que mesmo vivendo na terra dos seus antepassados, os nipo-brasileiros criaram escolas para que os seus filhos tivessem a oportunidade de aprender todo o conteúdo em português¹⁴. A língua na sua variante brasileira tem uma grande divulgação no Japão de hoje, devido ao fenômeno da presença dos nipo-brasileiros, algo sem precedentes na história, apesar do longo período de contato com os portugueses.

A despeito de aparentar ser marginal em Macau, a variante brasileira é a vertente mais falada do português no mundo. Claro que não se trata de uma língua homogênea¹⁵, já que o país é um dos maiores do mundo (os seus nativos conseguem perceber muito claramente as diferenças regionais

¹³ O estudo de Darcy Ribeiro fala sobre como os mais diversos povos construíram o que se conhece por Brasil. Ali o autor desmitifica a história e os dados antropológicos sobre o país de forma magistral (cf. Ribeiro, Darcy. *O povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.)

¹⁴ Talvez isso reflita uma estratégia de escape para momentos de precariedade social, como o que agora ocorre. Nota-se que, pelo fato de a economia japonesa ter sofrido grandes abalos, os brasileiros têm recebido incentivos para deixar o Japão.

¹⁵ Não existe língua natural homogênea. Todas as línguas apresentam diversidade no seu bojo. Ainda que o falante não as perceba, os estudos da Sociolinguística sobre as mais diferentes línguas ao redor da Terra têm provado que nem mesmo entre dois indivíduos é possível haver homogeneidade. Quanto a este último aspecto, dentro da perspectiva gerativista, David Lightfoot, no seu livro *The Development of language: acquisition, change, and evolution* (Oxford : Blackwell, 1999) afirma que a mudança linguística se opera na aquisição da linguagem pela criança através de alterações mínimas, algo que ao longo das gerações apresentará a possível alteração dos padrões linguísticos.

entre si, algo que um estrangeiro precisa de muito treino para aprender a fazer)¹⁶. O sítio eletrônico “Observatório da Língua Portuguesa”¹⁷ traz, entre tantas outras informações sobre a língua, dados da distribuição percentual do idioma, nele é possível ter uma ideia de que mais de 87% dos falantes da língua, em todo o mundo, se encontram na América.

A língua portuguesa já não tem mais a importância que teve durante as grandes navegações. Para se ter noção do significado disso, é preciso notar que pesou na decisão da União Europeia para aceitá-la como uma das principais línguas do bloco a inegável quantidade de falantes da língua no mundo, porque, a princípio, a língua tinha sido considerada periférica, como o grego, que um dia já teve o seu devido prestígio. Na Internet, porém, apenas uma parte ínfima dos conteúdos utiliza o português. Não é possível quantificar a frequência de uma ou outra variante da língua, mas seguramente o Brasil tem participação expressiva em ambiente virtual. Espera-se sempre que o Brasil produza mais material em português que os outros países, em razão da quantidade de falantes que possui — o peso demográfico tem a sua importância. A variante brasileira da língua é atualmente divulgada pelos quatro cantos do mundo através de teledramaturgia, de filmes e, principalmente, da música brasileira. Além de ter uma projeção de crescimento, até 2050, sem páreo entre as oito línguas ocidentais mais faladas no mundo, como base nos dados demográficos (cf. o sítio eletrônico Observatório da Língua).

Isso não parece ter nenhum eco em Macau, basicamente pelo baixo número de falantes brasileiros. A não-aceitação é tão acintosa que as falas dos brasileiros entrevistados na imprensa escrita macaense sofrem uma tradução para a variante europeia. Não se discute por que razão isso acontece. Não há necessidade de tal atitude, pois a fala dos brasileiros é tão válida quanto a de qualquer usuário da língua no mundo. Soma-se a isso o fato de qualquer pessoa que domine minimamente a língua compreender

¹⁶ Como se expõe ao longo deste texto, é preciso atentar para o fato de que nenhuma língua natural é uniforme. Aquilo que se chama padronização da língua serve apenas para regulamentar a forma escrita. Em razão disso, é preciso ter um pensamento aguçado ao se ler textos que tratam de unidade linguística ou do país, como o de Sílvia Elia (*A unidade linguística do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.) ou de Barbosa Lima Sobrinho (*A língua portuguesa e a unidade do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.).

¹⁷ Observatório da Língua Portuguesa. <http://www.observatoriolp.com/>

o que se fala e o que se escreve da maneira que se dá no Brasil. A única explicação plausível tem relação com os alicerces do ideário de língua padrão europeia e o preconceito das demais variantes. Há diferenças em todos os aspectos linguísticos entre as duas principais variantes da língua portuguesa. No entanto, os outros países falantes de português estão mais acostumados a ouvir o português brasileiro, do que o contrário disso.

A discussão entre as modalidades orais e escritas aqui nem de longe leva em consideração a vigoração das novas regras ortográficas. Pois essas dizem respeito muito mais à área da política do que da linguística. A ortografia é a representação da língua por símbolos escritos que não afetam a essência da língua. Essa é a única parte da língua escrita que é regida por leis. Este texto foi escrito sob a observação das novas normas já vigentes no Brasil. Ainda assim, traz um estilo reconhecidamente brasileiro. Em todas as partes em que o acordo for aplicado, os textos não deixarão de ter as suas características locais. Por Macau não ser um país, não existe um acordo, nem mesmo com a China, para a adoção das novas regras ortográficas, a aceitação de qualquer ortografia em um texto de língua portuguesa deveria, naturalmente, respeitar as decisões tomadas pelo falante na hora de escrever o seu texto, a exemplo do que acontece com os textos escritos em inglês, na região.

De qualquer forma, parece haver uma movimentação da China para fazer com que o português brasileiro tenha alguma representação por aqui. Isso é notável pelo fato de a Universidade de Macau¹⁸ ter em seus quadros, no Departamento de Português, a presença de seis professores brasileiros. Note-se que essa foi uma atitude que partiu exclusivamente da China, como no caso dos trabalhadores do polo calçadista e dos pilotos. O Brasil como Estado mantém muito menos postos de leitor em toda a China. Como se nota é preciso que haja mais engajamento por partes das autoridades brasileiras em divulgar oficialmente a língua portuguesa na China.

Considerando os fatos recém passados, parece haver uma mobilização para alterar esse quadro, uma vez que no último ano foram credenciadas duas universidades chinesas como postos de aplicação do exame de proficiência em língua portuguesa com cultura ambientada no Brasil,

¹⁸ Confira tal quadro no endereço eletrônico do Departamento de Português: <http://www.umac.mo/fsh/dp/>

o CELPE-BRAS¹⁹. Isso quer dizer que qualquer profissional chinês que queira atuar no Brasil ou estudantes universitários de qualquer área interessados em alguma instituição brasileira de ensino superior precisam apresentar tal certificado. Todavia, carece ainda que o Brasil promova uma aproximação maior com a China, no que se refere à divulgação do português. Algo que poderia ampliar a presença brasileira, principalmente, no que diz respeito a sua cultura.

Assim, faz-se urgente uma maior difusão da cultura brasileira no país. Certamente um dos meios para sustentar essa tarefa é a criação de um CCB (Centro Cultural Brasileiro)²⁰ em Macau. Esse tipo de centro tem a função de agente divulgador das culturas brasileiras e da variante da língua portuguesa tal qual se fala no Brasil. Por que Macau teria esse privilégio, uma vez que Hong Kong é a cidade que abriga a sede do consulado geral? A primeira razão diz respeito ao fato de o Governo Central da China ter delegado a Macau as atividades relacionadas com a língua portuguesa. Daí então, deu-se a criação da plataforma de negociação, já citada, com países de língua portuguesa. Depois disso, as normas da educação na China prevêem que os estudantes, que tenham necessidade de complementar os seus estudos em um país onde a língua portuguesa é falada, podem optar por Macau. Conseqüentemente, emerge a necessidade de aceitação de uma outra variante da língua, já que a sobrevivência do monopólio de uma variante vai de encontro ao espírito de globalização que permeia as relações internacionais. Vencido esse impasse, esse público poderia ter o apoio de um CCB por aqui, na tarefa de aproximar o Brasil dos estudantes chineses sem a necessidade de deslocá-los até lá.

Potencialmente, um CCB tornaria o português brasileiro mais familiar aos estudantes chineses. Em outras palavras, o brasileiro teria a oportunidade de propagar a língua portuguesa na China, diminuindo o vácuo

¹⁹ Ao longo desta discussão já foi possível entrever que as duas principais variantes da língua portuguesa andam por caminhos distintos. Algo que retrata isso é a existência de certificados de proficiência diferenciados para ambas. Assim, os aprendentes de português como língua estrangeira que planejam estudar ou trabalhar no Brasil precisam submeter-se ao exame de proficiência na língua portuguesa CELPE-BRAS, que acontece duas vezes por ano, geralmente em abril e outubro. Maiores detalhes devem ser buscados no seguinte endereço eletrônico: <http://www.inep.gov.br/celpebras/>

²⁰ O leitor poderá encontrar maiores informações sobre os CCB's na página do Ministério das Relações Exteriores – MRE, através do seguinte link: <http://www.dc.mre.gov.br/lingua-e-literatura/centros-culturais-do-brasil>

cultural que ainda existe. Desse jeito, os laços entre a China e o Brasil ficariam mais fortalecidos e vívidos em outras áreas que não unicamente a econômica, mesmo que este tenha sido o Leitmotiv para a divulgação da língua portuguesa em Macau a partir da variante americana. Seguramente, a cooperação entre os dois pontos geograficamente distantes do globo teria uma sustentabilidade mais eficaz com ações que visem um maior trânsito na área cultural e na língua portuguesa.